

Registro e tratamento de anglicismos no DLE: análise e delimitação de problemas*

*Registration and treatment of
anglicisms in DLE: analysis and
delimitation of problems*

Ana Carolina MARTINS DOS SANTOS (UNILA)
anacms.96@gmail.com

Recebido em: 30 de set. de 2020.
Aceito em: 10 de nov. de 2020.

* O presente artigo foi apresentado na 7ª Semana de Integração Acadêmica/UFRJ em 2016.2 pertencente ao projeto Glossário de Metalexigrafia e Lexicografia.

MARTINS DOS SANTOS, Ana Carolina. Registro e tratamento de anglicismos no DLE: análise e delimitação de problemas. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. esp., p. 264-283, mar. 2022. DOI: 10.22168/2237-6321-11esp2130.

Resumo: A lexicografia é uma disciplina linguística que se ocupa do léxico e que está ligada à elaboração de dicionários (Welker, 2004). O presente trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto Glossário de Metalexigrafia e Lexicografia da professora Virgínia Sita Farias e aborda um dos seus principais desafios, o registro e o tratamento de neologismos em dicionários. Logo, visa discutir os problemas atinentes ao referido tratamento, tendo por base Farias. Para tanto, o foco deste estudo é um grupo específico de neologismos, os estrangeirismos, mais especificamente, os anglicismos incorporados e/ou que estão sendo incorporados ao espanhol. Diante disso, o objetivo é identificar os critérios levados em consideração para sua inclusão no *Diccionario de la Lengua Española* (DLE). Como metodologia, propõe-se uma análise quantitativa dos dados, fundamentada, inicialmente, no catálogo elaborado por Yáñez López (2014) e, em sequência, uma análise a partir dos bancos de dados da *Real Academia Española* (RAE), *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA) e *Corpus del Español del Siglo XXI* (CORPES XXI). Os resultados demonstram que o DLE se constitui como um dicionário seletivo, sobretudo,

porque apresenta um recorte diacrônico na seleção do seu material léxico incluído. No entanto, a presença de alguns neologismos no dicionário expõe uma contradição. Deste modo, conclui-se que o DLE não apresenta critérios claros para o registro de estrangeirismos no seu prólogo. Logo, o registro dos anglicismos deixa em evidência uma total assistemática do dicionário em questão.

Palavras-chave: Metalexicografia. Anglicismo. Dicionário.

Abstract: Lexicography is a linguistic discipline that deals with the lexicon and is linked to the preparation of dictionaries (Welker, 2004). The present work was developed in the scope of the project Glossary of Metalexicography and Lexicography by professor Virgínia Sita Farias and addresses one of its main challenges, the registration and treatment of neologisms in dictionaries. Therefore, it aims to discuss the problems related to this treatment, based on Farias. To this end, the focus of this study is on a specific group of neologisms, the loanwords, more specifically, the anglicisms that have been incorporated and/or are being incorporated into Spanish. Therefore, the objective is to identify the criteria taken into account for their inclusion in the *Diccionario de la Lengua Española* (DLE). As methodology, a quantitative data analysis is proposed, based initially on the catalog prepared by Yáñez López (2014) and, in sequence, an analysis from the databases of the *Real Academia Española* (RAE), *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA) and *Corpus del Español del Siglo XXI* (CORPES XXI). The results show that the DLE is a selective dictionary, mainly because it presents a diachronic cut in the selection of its included lexical material. However, the presence of some neologisms in the dictionary exposes a contradiction. Thus, we conclude that the DLE does not present clear criteria for the registration of foreign words in its prologue. The presence of some neologisms in the dictionary exposes a contradiction.

Keywords: Metalexicography. Anglicisms. Dictionary.

Introdução

Este artigo aborda um dos principais desafios na prática lexicográfica, o registro e o tratamento de neologismos em dicionários.

Neologismo é definido como o processo de criação lexical proveniente de novas relações significante-significado (novas unidades lexicais de origem vernacular ou estrangeira) ou novos significados (acepções) de origem vernacular ou estrangeira, atribuídos a uma palavra vernacular (BORBA, 2012, p. 2). Aqui trataremos de um tipo de neologismo: os estrangeirismos, mais especificamente, os anglicismos incorporados e/ou que estão sendo incorporados ao espanhol.

Estrangeirismos são unidades lexicais procedentes de outras línguas, que podem servir para nomear novas realidades para as quais a própria língua não disponha de uma designação ou, inclusive, para entrar em competição com palavras da própria língua que possuem o mesmo significado (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 2010, p. 596). Anglicismo é todo o estrangeirismo proveniente da língua inglesa.

Segundo Farias (2008, p. 53), no âmbito (meta)lexicográfico, a dificuldade consiste em determinar o momento em que um neologismo passa do plano individual (fala) ao coletivo (língua), ou seja, determinar o momento em que um neologismo pode ser incluído no dicionário, uma vez que este deve registrar fatos de língua e não de fala. O obstáculo para um lexicógrafo em relação à inclusão de estrangeirismos no dicionário reside em que, uma vez adotado um neologismo, os seus rumos na língua são imprevisíveis, podendo ser abandonado em seguida ou incorporado de maneira mais ou menos definitiva à língua. Por essa razão, a frequência de uso é um dos fatores determinantes (mas não o único) para a sua inclusão no dicionário.

Em vista disso, nosso objetivo é analisar o registro e o tratamento dos anglicismos no *Diccionario de la Lengua Española* (DLE, 2015) com o fim de identificar se existem e quais são os critérios levados em consideração para que eles sejam incluídos na obra, e se tais critérios se cumprem. Para tanto, também utilizaremos alguns *corpora* disponibilizados pela *Real Academia Española* (RAE), como por exemplo, *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA) e o *Corpus del Español del Siglo XXI* (CORPES XXI).

A norma e o dicionário

Coseriu (2004, p. 119) formula uma oposição entre língua histórica e língua funcional. A língua histórica se manifesta em uma atividade concreta, é a língua enquanto saber idiomático e tradicional de uma comunidade. Já a língua funcional se define como uma língua que funciona nos discursos e apresenta três ordens de estruturação: 1) Falar concreto – nível da realização – definido como manifestação individual da língua, já que é na fala que se realizam os atos inéditos e opcionais do falante; 2) Norma — nível de abstração — definida como pertencente a uma determinada comunidade de fala, comum a todos os seus falantes e difundida a partir da tradição; 3) Sistema — nível de abstração — definido por conter traços distintivos necessários para que uma língua não se confunda com outra.

No que concerne à norma, Coseriu propõe uma divisão entre norma real e norma ideal. A norma real é a empregada por uma comunidade linguística, tudo o que de fato os falantes realizam. A norma ideal retrata um modelo de exemplaridade selecionado entre as normas reais. O autor citado também menciona que existe um anseio normativo

por parte dos falantes, que é a busca por uma orientação linguística, seja por dúvidas quanto à grafia, dúvidas sobre alguma significação de uma unidade léxica ou pela necessidade de ser orientado em relação ao uso da sua língua materna. Contudo, Zanatta (2009, p. 82) afirma que há um paradoxo em torno desse tema. Ao buscar uma orientação para o emprego da língua, o falante, muitas vezes, se sente desconfortável ante uma direção de caráter prescritivo, uma norma que é apresentada como padrão, mas que diverge da sua realidade linguística.

Em algumas obras, a atitude manifestada é purista, como consequência da própria ideologia das instituições encarregadas da sua elaboração. Esse purismo, evidentemente, se reflete na forma como as obras apresentam e/ou omitem as informações, por exemplo, o caso dos estrangeirismos no DLE.

Welker (2004, p. 183) classifica os dicionários “normativos” em: 1) obras elaboradas com intenções normativas, como por exemplo, quando assinalam os “erros” indicando as formas corretas; 2) obras cuja norma transmitida no dicionário pode representar uma visão do(s) autor(es) ou de uma instituição; 3) obras cuja norma veiculada pode restringir-se à nomenclatura (por exemplo, exclusão de estrangeirismos) ou dizer respeito também à ortografia e sintaxe; 4) Obras cuja norma é baseada no uso dos autores do passado e do presente.

Ainda que o dicionário não pretenda ser normativo, uma vez que algumas informações oferecidas são da ordem da prescrição, não se escapa o ponto de vista do consulente, quem acaba por atribuir um efeito de normatividade ao dicionário quando, por exemplo, busca atuar de acordo com a norma ideal.

Conceitos básicos de lexicografia e DLE

Welker (2004, p. 11) afirma que a lexicografia é uma disciplina linguística que se ocupa do léxico e que está ligada à elaboração dos dicionários. Pode ser considerada a partir de dois pontos de vista distintos: como lexicografia prática — ou simplesmente lexicografia — designa a ciência, a prática ou mesmo a arte de elaborar dicionários; e como a lexicografia teórica — ou metalexicografia, termo frequentemente usado em outras línguas — refere-se ao estudo de problemas atrelados à elaboração e à crítica de dicionários, à pesquisa da história da lexicografia, à pesquisa do uso de dicionários e também à sua tipologia.

Tipologia de dicionários

Um dos critérios possíveis para a classificação dos dicionários, segundo Farias (2008, p. 53), é a seleção do léxico. A partir desse critério, os dicionários podem ser classificados como de codificação exaustiva ou codificação seletiva.

Os dicionários de codificação exaustiva também são chamados de tesouros da língua (*thesaurus*), incluindo muitos lexemas e termos não empregados na língua comum. Esse tipo de dicionário propõe-se a registrar a maior parte possível do léxico de uma língua. Como exemplo, tem-se o dicionário *Oxford*¹ da língua inglesa que apresenta 20 volumes impressos e proporciona uma versão *online* que é alimentada quase diariamente.

Os dicionários de codificação seletiva registram apenas uma parcela do léxico, devendo, portanto, fazer um recorte da língua. Dentre os fatores que poderiam orientar esse recorte, destacam-se: o eixo diacrônico (tempo), eixo diatópico (espaço), eixo diastrático (nível social) e o eixo diafásico (registro). Tendo em vista esses eixos, os cortes não precisam ser radicais, ou seja, não é preciso excluir todo o léxico marcado diatopicamente; se escolhe uma parcela desse léxico que, por exemplo, também é marcada diafásico-diastraticamente. O mesmo também ocorre para o léxico marcado diacronicamente: pode-se eliminar o léxico desusado/arcaico, mas abrir um espaço para os neologismos.

O DLE, nosso objeto de estudo, é considerado um dicionário seletivo e também a principal obra de referência da língua espanhola. Suas fontes documentais são: *Fichero histórico de la Academia* (fichas lexicográficas); obras de referência e estudos monográficos sobre o léxico e os bancos de dados da RAE como *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA), *Corpus del Español del Siglo XXI* (CORPES XXI), *Corpus Diacrónico del Español* (CORDE) e o *Corpus del Nuevo Diccionario Histórico del Español* (CDH).

Níveis de estruturação dos dicionários

Os níveis fundamentais da estruturação de um dicionário são *macroestrutura* e *microestrutura*. O primeiro nível refere-se à forma como o dicionário é organizado e ao conjunto ordenado de todos os lemas.

¹ Para maiores informações, consultar o site da Editora Oxford (en.oxforddictionaries.com).

São, portanto, atinentes ao âmbito macroestrutural todas as questões relacionadas com o estabelecimento do número de unidades léxicas arroladas, com o tipo de unidade léxica registrada e com a sua disposição no dicionário (FARIAS, 2013, p. 41). Já o segundo nível diz respeito à estrutura interna do verbete, que é composta de informações ordenadas que seguem a palavra-entrada e que devem ter uma estrutura constante, correspondendo a um programa e a um código de informações aplicáveis a qualquer entrada (WELKER, 2004, p. 45).

A respeito da macroestrutura (seleção do léxico), as informações que a RAE dispõe sobre a inclusão de neologismos no prólogo do DLE são poucas e insuficientes para entender quais são os critérios de inclusão dos estrangeirismos no dicionário.

No prólogo do DLE (2015), se diz que:

Certamente, as possibilidades de formação de novas palavras [...] são muito amplas, e nem todos os resultados possíveis estão no Dicionário, mas sim unicamente aqueles que **alcançaram certa reiteração no uso.**² [grifo e tradução da autora]

E: “Quando **se documentam suficientemente** no uso formas cruas e formas adaptadas de um mesmo empréstimo, ambas são registradas no Dicionário, definindo a crua pela remissão à adaptada.”³ (grifo e tradução da autora).

Além de serem as únicas informações oferecidas em todo o prólogo do dicionário (que é bem extenso) sobre o registro de neologismos, esses dados são insuficientes para se depreender critérios. As afirmações sobre “reiteração dos usos” e “documentação suficiente” são os únicos indícios sobre possíveis critérios de orientação para a inclusão de neologismos no dicionário, fazendo referência basicamente à frequência. Porém, não se especifica a frequência necessária para que o neologismo seja incorporado ao dicionário.

Por ser um dicionário seletivo, o DLE faz um recorte na seleção do material léxico incluído. Esse recorte recairia, sobretudo, no eixo diacrônico, de modo que o dicionário não registraria, por um lado, arcaísmos, palavras antiquadas e desusadas, e, por outro lado, tampouco deveria registrar neologismos. No entanto, alguns neologismos são registrados.

² Original: “Ciertamente, las posibilidades de formación de nuevas palabras [...] son amplísimas, y no todos los resultados posibles los recoge el Diccionario, sino únicamente aquellos que **han alcanzado cierta reiteración en el uso.**”

³ Original: “Cuando **se documentan suficientemente** en el uso formas cruas y formas adaptadas de un mismo préstamo, se han registrado ambas en el Diccionario, definiendo en la cruda por remisión a la adaptada.”

A decisão por um recorte sincrônico ou por uma cobertura diacrônica do léxico confirma um critério de seleção que incide diretamente na densidade macroestrutural da obra. Contudo, a opção pelo registro de neologismos também afeta a microestrutura, pois deve-se ao fato de que o registro de unidades neológicas no dicionário implica que se tenha de apresentar uma marca de uso para identificar esse tipo de lexia, o que não é uma tarefa simples (FARIAS, 2008, p. 53).

No que concerne à microestrutura, com relação aos neologismos que estão registrados no DLE, os dois aspectos importantes a serem analisados são as formas variantes e as marcas de uso.

Formas variantes no dicionário

No que concerne às variantes ortográficas, o DLE costuma incluí-las. A respeito dos neologismos, há uma distinção entre estrangeirismos “crus” e “adaptados”, que são registrados de maneira singular. Os estrangeirismos “crus” são as palavras cuja grafia e estrutura fonológica são iguais às da palavra de origem (registro em itálico). Já os estrangeirismos “adaptados” são as palavras que recebem adaptações fonológicas e/ou ortográficas na língua receptora (registro em letra redonda).

O dicionário apresenta uma prática vigente na sua última edição (23.ed.):

Seguindo uma prática iniciada na edição de 2001, os ESTRANGEIRISMOS crus aparecem em itálico, ou seja, os empréstimos não adaptados aos padrões gráfico-fonológicos do espanhol. Nesses casos, a informação que pode ser assimilada à etimológica geralmente indica não que a palavra tem a sua origem nesta ou naquela voz de outra língua, mas que é uma voz da língua em questão. (DLE, 2015, s.v.) [tradução da autora].⁴

No caso do DLE, o destaque se dá na forma em itálico, reservado apenas para os estrangeirismos crus; desse modo, o dicionário deixa claro que não reconhece essas palavras como pertencentes à língua espanhola.

⁴ Original: “Siguiendo una práctica iniciada en la edición de 2001, aparecen en letra cursiva los EXTRANJERISMOS crudos, es decir, los préstamos no adaptados a los patrones gráfico-fonológicos del español. En esos casos la información asimilable a la de índole etimológica suele indicar no que la palabra tiene su origen en tal o cual voz de otra lengua, sino que es una voz de la lengua de que se trate.”

Marcas de uso

As marcas de uso nos dicionários também são consideradas como conjunto de rótulos, resultado da descrição dos usos linguísticos.

O caráter normativo das marcas deriva do efeito normativo dos dicionários.

Sobre as marcas diastráticas e diafásicas têm-se o fato de que marcar uma acepção como informal, pejorativa ou culta, por exemplo, é uma informação extremamente importante para o consulente, pois este saberá que se trata de uma palavra cujo uso está restrito ou é mais adequado a determinados contextos (ZANATTA, 2006, p. 8).

As marcas diacrônicas correspondem às indicações de arcaico e obsoleto, à indicação de unidade léxica contemporânea (são as unidades e acepções não marcadas) e, finalmente, aos neologismos.

Segundo Zanatta (2006, p. 9) a propósito das marcas diatópicas, elas estão ligadas à região geográfica em que determinadas palavras e/ou acepções são empregadas e é justamente nesse ponto que reside seu poder normativo.

A metodologia da análise do DLE

A metodologia do presente trabalho é de caráter quantitativo e está fundamentada, inicialmente, a partir de uma análise bibliográfica. Desta maneira, a estrutura metodológica se divide em três etapas:

1- Análise de uma lista inicial de anglicismos registrados no catálogo elaborado por Yáñez López (2014), com um total de 463 anglicismos;

2- Filtragem dessa lista inicial para se chegar a uma lista final de 191 anglicismos baseada na frequência de uso e na documentação disponíveis no *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA) e do *Corpus del Español del Siglo XXI* (CORPES XXI);

3- Verificação do registro e do tratamento desses 191 anglicismos no DLE (2015), identificando se existem e quais seriam os critérios levados em consideração para sua inclusão.

Filtramos todos os anglicismos, utilizando como critério inicial a frequência, e observamos a necessidade de integrar critérios secundários, uma vez que só o critério da frequência não era suficiente: a estabilidade no uso, analisada em relação aos períodos⁵ de tempo

⁵ O *corpus* oferece uma descrição diacrônica. Link: <http://web.frl.es/CREA/org/publico/pages/consulta/entradaCompleja.view>.

(eixo diacrônico e diageracional) e a difusão no diassistema, analisada em relação às zonas/países e textos/fontes (respectivamente eixos diatópico e diastrático-diafásico)⁶. Como exemplo, uma possibilidade dessa ocorrência acontece quando uma palavra, não tão frequente (empregada quase exclusivamente na Espanha), é mais difundida que outra no diassistema. Por essa razão, há palavras que apresentam um acréscimo em relação à sua frequência e logo em seguida, um declínio. E, como resultado, através da análise dos dados obtidos no *corpus*, foi possível constatar outros casos de palavras que apresentam uma frequência um pouco menor, mas que se mantêm constantes.

Por fim se chegou aos 191 anglicismos, os quais, segundo esses critérios, deveriam ser os estrangeirismos registrados no DLE.

Análise do DLE

Apresenta-se a seguir, no Quadro 1, o resultado da análise do registro e tratamento dos anglicismos no DLE a partir do suporte teórico e da metodologia expostos ao longo deste trabalho. Dos 191 anglicismos que, de acordo com os critérios estabelecidos, poderiam estar registrados no DLE (uma vez que estão incorporando-se ao espanhol, tendo em vista os dados analisados nos *corpora*), somente 8 estão registrados no DLE.

Quadro 1 – Tabela de dados dos 8 anglicismos analisados

Anglicismos	Registro no DLE	Dados no CREA	Dados no CORPES XXI
<i>backgammon</i>	- Em letra itálica - Indicação de “voz ingl.”	Documentos: 4 Casos: 6 Ocorrência de: 1987 a 1997 Países: Espanha (2) e América (2)	Documentos: 13 Casos: 14 Ocorrência de: 2001 a 2012 Países: América (8) e Espanha (5)
<i>blackjack</i> (preferência) (também: <i>black jack</i> , <i>black-jack</i>)	- Em letra itálica - Indicação de “voz ingl.”	Documentos: 4 Casos: 4 Ocorrência: 1986 a 1997 Países: América (2) e Espanha (2)	Documentos: 16 Casos: 19 Ocorrência: 2001 a 2011 Países: América (10) e Espanha (6)

⁶ O *corpus* oferece uma descrição diacrônica. Link: <http://web.frl.es/CORPES/org/publico/pages/consulta/entradaCompleja.view>.

<i>bótox</i>	- Em letra de forma - Indicação “De Botox[®], marca reg.” Na área da química.	7Documentos: – Casos: – Ocorrência: – Países: –	Documentos: 31 Casos: 47 Ocorrência: 2001 a 2012 Países: América (19) e Espanha (12)
<i>bridge</i>	- Em letra itálica - Indicação de “voz ingl.”	Documentos: 82 Casos: 130 Ocorrência: 1975 a 2000 Países: Espanha (44) e América (38)	Documentos: 60 Casos: 96 Ocorrência: 2001 a 2012 Países: América (40) e Espanha (20)
<i>gap</i>	- Em letra de forma - Indicação de “Del ingl. gap.”	Documentos: 13 Casos: 20 Ocorrência: 1987 a 2000 Países: Espanha (12) e Venezuela (1)	Documentos: 27 Casos: 45 Ocorrência: 2001 a 2012 Países: Espanha (17) e América (10)
<i>playback</i> (preferência) (também: <i>Play back</i>)	- Em letra itálica - Indicação de “voz ingl.”	Documentos: 16 Casos: 18 Ocorrência: 1977 a 2000 Países: Espanha (13) e América (3)	Documentos: 40 Casos: 60 Ocorrência: 2001 a 2012 Países: América (21) e Espanha (19)
<i>tuit</i>	- Em letra de forma - Indicação de “del ingl. tweet”	Documentos: – Casos: – Ocorrência: – Países: –	Documentos: 46 Casos: 87 Ocorrência: 2011 a 2014 Países: Espanha (26) e América (20)
<i>twist</i>	- Em letra itálica - Indicação de “voz ingl.”	Documentos: 31 Casos: 68 Ocorrência: 1976 a 2000 Países: América (17) e Espanha (14)	Documentos: 84 Casos: 123 Ocorrência: 2001 a 2012 Países: América (62) e Espanha (22)

Fonte: *Diccionario de la Lengua Española* (2015, s.v.); *Corpus de Referencia del Español Actual*; *Corpus del Español del Siglo XXI*.

Sobre a macroestrutura: anglicismos registrados no DLE

Em relação aos oito neologismos que o DLE registra, é possível identificar alguns problemas.

O primeiro problema está relacionado à alta frequência no uso dos anglicismos registrados, considerando-se o elevado número de documentos e de casos — tanto no CREA quanto no CORPES —, se comparados a outros anglicismos que não estão incluídos. Não há clareza

7 Todos os resultados sinalizados com: – (traço) não foram encontrados no banco de dados ao qual faz referência.

sobre o que seja, de fato, alcançar reiteração no uso desses vocábulos, de modo que sejam suficientemente documentados (critérios que o próprio DLE apresenta no seu prólogo) e incluídos no dicionário. Têm-se, como exemplo, os anglicismos *blackjack* e *backgammon* organizados a seguir, nos Quadros 2 e 3, respectivamente:

Quadro 2 – Análise do anglicismo *blackjack* (frequência)

Anglicismos	Dados no CREA	Dados no CORPES XXI
BLACKJACK	Documentos: 4 Casos: 4 Ocorrência: 1986 a 1997 Países: América (2) e Espanha (2)	Documentos: 16 Casos: 19 Ocorrência: 2001 a 2011 Países: América (10) e Espanha (6)

Fonte: *Corpus de Referencia del Español Actual*; *Corpus del Español del Siglo XXI*.

Quadro 3 – Análise do anglicismo *backgammon* (frequência)

Anglicismos	Dados no CREA	Dados no CORPES XXI
BACKGAMMON	Documentos: 4 Casos: 6 Ocorrência de: 1987 a 1997 Países: Espanha (2) e América (2)	Documentos: 13 Casos: 14 Ocorrência de: 2001 a 2012 Países: América (8) e Espanha (5)

Fonte: *Corpus de Referencia del Español Actual*; *Corpus del Español del Siglo XXI*.

Com relação ao próximo problema encontrado, identificamos anglicismos que não apresentam certa estabilidade no uso em diferentes períodos de tempo e, contudo, estão incluídos no dicionário; ao passo que outros, não incluídos, comparavelmente apresentam uma estabilidade em seu uso ao longo do período (dados descritos nos *corpora*). Em virtude disso, esse segundo problema está relacionado à reiteração do uso e, a fim de exemplificá-lo, os anglicismos *blackjack* e *backgammon* estão dispostos a seguir, nos Quadros 4 e 5, respectivamente:

Quadro 4 – Análise do anglicismo *blackjack* (uso)

Anglicismos	Dados no CREA	Dados no CORPES XXI
BLACKJACK	Documentos: 4 Casos: 4 Ocorrência: 1986 a 1997 Países: América (2) e Espanha (2)	Documentos: 16 Casos: 19 Ocorrência: 2001 a 2011 Países: América (10) e Espanha (6)

Fonte: *Corpus de Referencia del Español Actual*; *Corpus del Español del Siglo XXI*.

Quadro 5 – Análise do anglicismo *backgammon* (uso)

Anglicismos	Dados no CREA	Dados no CORPES XXI
BACKGAMMON	Documentos: 4 Casos: 6 Ocorrência de: 1987 a 1997 Países: Espanha (2) e América (2)	Documentos: 13 Casos: 14 Ocorrência de: 2001 a 2012 Países: América (8) e Espanha (5)

Fonte: *Corpus de Referencia del Español Actual*; *Corpus del Español del Siglo XXI*.

O terceiro problema visível se relaciona à difusão no diassistema, uma vez que há anglicismos que apresentam uma desproporção de documentação e casos em relação à Espanha e à América. Essa diferença é notória nos exemplos abaixo e revela que possivelmente esses anglicismos são espanholismos, ou seja, neologismos comuns somente à variedade peninsular; visto que sua difusão é muito maior na Espanha do que na América. Logo, a ocorrência apresenta o reflexo da ideologia purista da RAE em relação à descrição da norma, uma postura de tradição e conservadorismo, no tocante à língua, na sua prática lexicográfica. E, a fim de exemplificar, tem-se a seguir, a análise dos anglicismos *gap* e *playback* nos Quadros 6 e 7, respectivamente:

275

Quadro 6 – Análise do anglicismo *gap*

Anglicismos	Dados no CREA	Dados no CORPES XXI
GAP	Documentos: 13 Casos: 20 Ocorrência: 1987 a 2000 Países: Espanha (12) e América (1)	Documentos: 27 Casos: 45 Ocorrência: 2001 a 2012 Países: Espanha (17) e América (10)

Fonte: *Corpus de Referencia del Español Actual*; *Corpus del Español del Siglo XXI*.

Quadro 7 – Análise do anglicismo *playback*

Anglicismos	Dados no CREA	Dados no CORPES XXI
PLAYBACK	Documentos: 16 Casos: 18 Ocorrência: 1977 a 2000 Países: Espanha (13) e América (3)	Documentos: 40 Casos: 60 Ocorrência: 2001 a 2012 Países: América (21) e Espanha (19)

Fonte: *Corpus de Referencia del Español Actual*; *Corpus del Español del Siglo XXI*.

Sobre a macroestrutura: anglicismos não registrados no DLE

A seguir, estão os anglicismos que não foram incluídos no DLE, mas que, segundo os critérios empregados, deveriam constar no

dicionário. E ainda pode-se notar contradições entre os 8 incluídos e os seguintes que não foram inclusos.

O primeiro problema em relação aos neologismos não registrados deve-se ao fato que alguns são mais frequentes que os anglicismos incluídos no DLE, ou seja, há uma falta de critérios e impossibilidade de explicar por que esses estrangeirismos não foram incluídos no dicionário. Tem-se, por exemplo, *screening* e *push* descritos nos Quadros 8 e 9, respectivamente:

Quadro 8 – Análise do anglicismo *screening*

Anglicismos	Dados no CREA	Dados no CORPES XXI
SCREENING	Documentos: 14 Casos: 24 Ocorrência: 1987 a 1999 Países: Espanha (10) e América (4)	Documentos: 60 Casos: 117 Ocorrência: 2001 a 2012 Países: Espanha (28) e América (22)

Fonte: *Corpus de Referencia del Español Actual*; *Corpus del Español del Siglo XXI*.

Quadro 9 – Análise do anglicismo *push*

Anglicismos	Dados no CREA	Dados no CORPES XXI
PUSH	Documentos: 10 Casos: 12 Ocorrência: 1996 a 2000 Países: América (9) e Espanha (1)	Documentos: 64 Casos: 86 Ocorrência: 2001 a 2012 Países: América (43) e Espanha (21)

Fonte: *Corpus de Referencia del Español Actual*; *Corpus del Español del Siglo XXI*.

O segundo problema revela anglicismos com relativa reiteração no uso, ou seja, estrangeirismos com uma maior estabilidade e constância no uso, no entanto, também não foram registrados no DLE. Com o objetivo de exemplificar, a seguir estão especificados os anglicismos *planning* e *navy*, nos Quadros 10 e 11, respectivamente:

Quadro 10 – Análise do anglicismo *planning*

Anglicismos	Dados no CREA	Dados no CORPES XXI
PLANNING	Documentos: 23 Casos: 37 Ocorrência: 1975 a 1998 Países: Espanha (19) e América (4)	Documentos: 30 Casos: 30 Ocorrência: 2001 a 2013 Países: Espanha (16) e América (14)

Fonte: *Corpus de Referencia del Español Actual*; *Corpus del Español del Siglo XXI*.

Quadro 11 – Análise do anglicismo *navy*

Anglicismos	Dados no CREA	Dados no CORPES XXI
NAVY	Documentos: 27 Casos: 50 Ocorrência: 1975 a 2000 Países: Espanha (19) e América (8)	Documentos: 60 Casos: 90 Ocorrência: 2001 a 2012 Países: América (37) e Espanha (23)

Fonte: *Corpus de Referencia del Español Actual*; *Corpus del Español del Siglo XXI*.

O terceiro problema está relacionado à difusão do diassistema com anglicismos mais frequentes na América do que na Espanha (geralmente omitidos no DLE) reforçando, mais uma vez, o posicionamento conservador da Real Academia Espanhola. Como, por exemplo, os anglicismos *karting* e *blockbuster* detalhados a seguir, nos Quadros 12 e 13 respectivamente:

Quadro 12 – Análise do anglicismo *karting*

Anglicismos	Dados no CREA	Dados no CORPES XXI
KARTING	Documentos: 13 Casos: 25 Ocorrência: 1979 a 2000 Países: América (12) e Espanha (1)	Documentos: 68 Casos: 108 Ocorrência: 2004 a 2012 Países: América (56) e Espanha (12)

Fonte: *Corpus de Referencia del Español Actual*; *Corpus del Español del Siglo XXI*.

Quadro 13 – Análise do anglicismo *blockbuster*

Anglicismos	Dados no CREA	Dados no CORPES XXI
BLOCKBUSTER	Documentos: 9 Casos: 16 Ocorrência: 1994 a 1997 Países: América (6) e Espanha (3)	Documentos: 64 Casos: 86 Ocorrência: 2001 a 2012 Países: América (50) e Espanha (14)

Fonte: *Corpus de Referencia del Español Actual*; *Corpus del Español del Siglo XXI*.

Sobre a microestrutura: anglicismos registrados no DLE

No que se referem aos 8 anglicismos registrados, os únicos que apresentam formas variantes registradas são *playback* e *blackjack*. O DLE não especifica no seu prólogo qual o critério para seleção e apresentação da forma preferida.

Em relação ao anglicismo *playback* (forma preferida pela obra), verifica-se que, segundo a análise dos *corpora* do espanhol, há uma terceira variante que não é registrada no dicionário, *play-back*. Nesse caso, o consulente que quiser fazer uso dessa variante (*play-back*) e não a encontrar no dicionário, pode concluir que não existe e/ou que é uma forma “errada”, não pertencente à norma culta, quando na verdade, segundo os dados, ela está documentada como as demais, assim como demonstra a Figura 1:

Figura 1 – Anglicismo *playback* no DLE



Fonte: *Diccionario de la Lengua Española* (2015, s.v.).

Há uma contradição também em relação à variante *black jack*, que é a mais documentada tanto no CREA como no CORPES, mas não recebe registro como forma preferencial porque é preterida em favor da variante *blackjack*, sem nenhuma justificativa. Não há uma correspondência da realidade nesse caso, nem ao menos um motivo que explique ao consulente o porquê de uma forma e não de outra, como confirma a Figura 2.

Figura 2 – Anglicismo *blackjack* no DLE

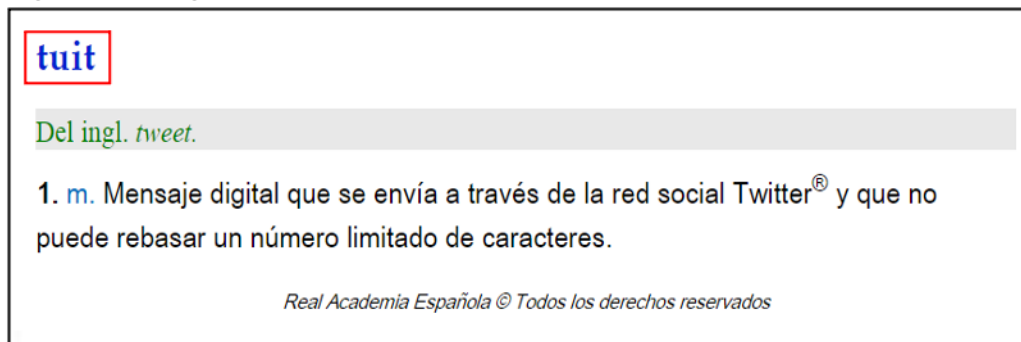


Fonte: *Diccionario de la Lengua Española* (2015, s.v.).

Comprova-se também o purismo linguístico da Academia através do fato de que os estrangeirismos crus, mesmo sendo, em muitos

casos, mais frequentes que as formas vernaculares, são preteridos em favor destas últimas. Tem-se, por exemplo, o caso de *tuit* e *twwet*, em que o primeiro, que é a forma adaptada do segundo, é o que aparece registrado no DLE, assim como apresenta a Figura 3.

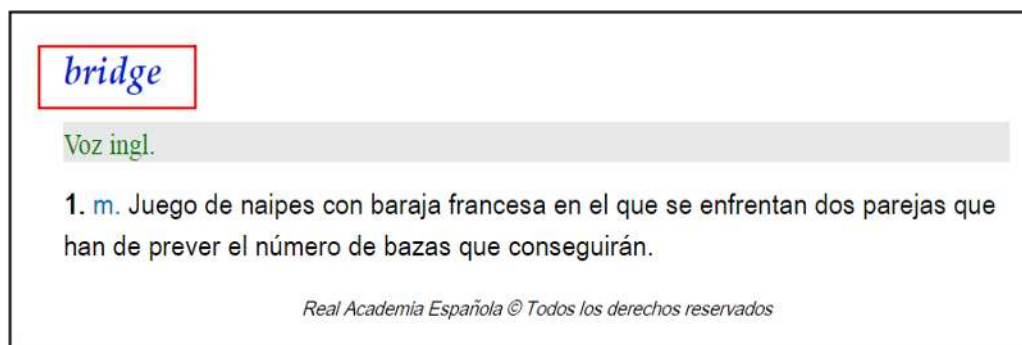
Figura 3 – Anglicismo *tuit* no DLE



Fonte: *Diccionario de la Lengua Española* (2015, s.v.).

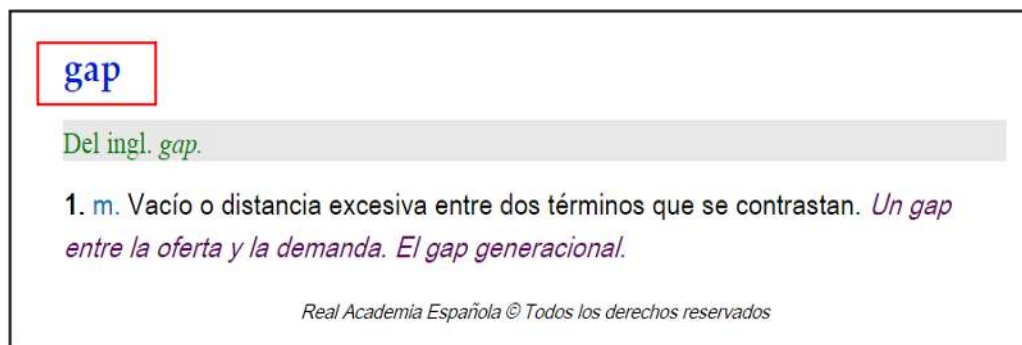
A respeito das marcas de uso nos oito verbetes analisados, nota-se uma ausência de marca diacrônica. Na seção de abreviaturas do DLE, não há nenhuma marca para neologismo/estrangeirismo. Logo, o dicionário assume os anglicismos como palavras incorporadas à língua, o que justificaria a sua inclusão no dicionário. Essa problemática reflete o ponto de vista lexicológico, que retrata uma dificuldade em determinar o momento em que um neologismo passa do plano individual (fala) ao coletivo (língua). E também, sobre a própria definição de neologismo, ou seja, definir se ainda é neologismo quando passa ao plano coletivo (língua). Igualmente, do ponto de vista lexicográfico, a dificuldade está em definir o momento preciso em que um neologismo pode ser incluído no dicionário, porque, quando um neologismo é adotado, os seus rumos na língua são imprevisíveis, podendo ser abandonado em seguida ou incorporado de maneira mais ou menos definitiva à língua (FARIAS, 2008, p. 53-55).

Sobre os anglicismos crus, nota-se que estão registrados em itálico sendo, portanto, uma espécie de indicativo de marca diacrônica, como revela o exemplo a seguir na Figura 4.

Figura 4 – Anglicismo *bridge* no DLE

Fonte: *Diccionario de la Lengua Española* (2015, s.v.).

A propósito das marcas diatópicas, nota-se que também estão ausentes nos oito verbetes analisados, já que há casos de unidades lexicais mais frequentes na Espanha, ou seja, típicas da variedade peninsular, mas que não aparecem registradas como tal no DLE. Logo, há um problema de descrição linguística porque, para o consulente, essas palavras são apresentadas como pertencentes a todas as variedades do espanhol — o que não corresponde à realidade. Ao fazê-lo, o dicionário elimina todas as possíveis normas reais do espanhol e assume como norma ideal a norma peninsular. É o caso do exemplo a seguir, *gap*, expresso na Figura 5.

Figura 5 – Anglicismo *gap* no DLE

Fonte: *Diccionario de la Lengua Española* (2015, s.v.).

Em relação aos 8 verbetes analisados, a marca diatécnica é a única marca explícita no dicionário, como se pode notar na Figura 6. No entanto, nota-se uma incoerência, uma vez que através dos dados percebe-se que essa marca não se restringe a uma única língua de especialidade, mas que também apresenta uma frequência significativa em outros âmbitos como novela, atualidade, artes, teatro, entre outras, como é possível verificar na Figura 7, mas isso o consulente só descobre após uma busca precisa, já que não há nenhum registro na entrada.

Figura 6 – Anglicismo *bótox* no DLE

bótox

De *Botox*®, marca reg.

1. m. Quím. Toxina bacteriana utilizada en cirugía estética.

Real Academia Española © Todos los derechos reservados

Fonte: *Diccionario de la Lengua Española* (2015, s.v.).

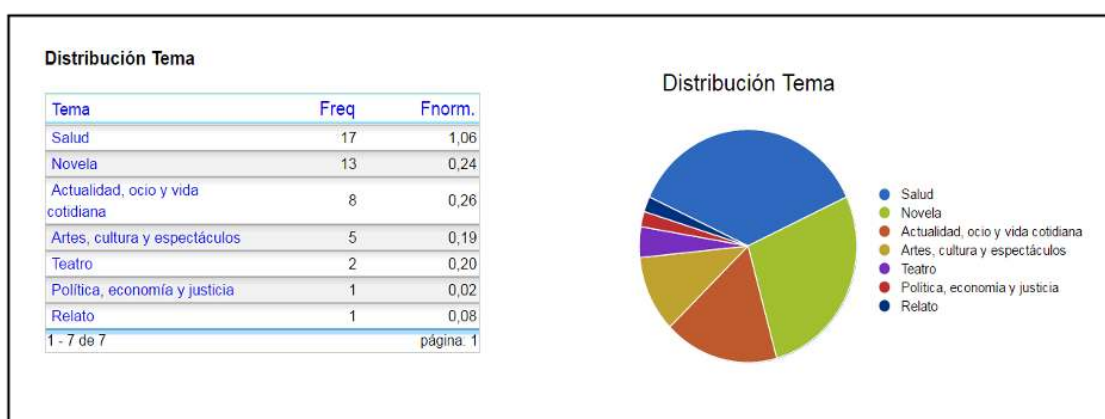


Figura 7 – Distribuição por Tema

Fonte: *Diccionario de la Lengua Española* (2015, s.v.).

Considerações finais

Levando em consideração o objetivo proposto na introdução deste trabalho, apresenta-se a conclusão correspondente.

Ressalta-se que, através da exposição precedente, o DLE constitui-se como um dicionário seletivo, logo, faz um recorte na seleção do material léxico incluído. Esse recorte recairia, sobretudo, no eixo diacrônico, de modo que o dicionário não registraria, por um lado, arcaísmos, palavras antiquadas e desusadas, e, por outro lado, tampouco deveria registrar neologismos. No entanto, a presença de alguns neologismos no dicionário contraria isto.

O registro de unidades neológicas nos dicionários é um dilema, porque enquanto essas unidades ainda se constituem como fatos de fala, estão em um plano individual, e implica que tenha de apresentar-se uma marca de uso para identificar esse tipo de lexia; mas quando já se constituem como fatos de língua, estão em um plano coletivo.

Contudo, quando um neologismo é adotado, os seus rumos na língua são imprevisíveis, pois, ao fazê-lo, o dicionário considera que já não são neologismos, mas sim formas que se incorporaram à língua. Essa é a leitura que se permite fazer.

O dicionário, para ser coerente com sua proposta, deveria eliminar completamente os neologismos, ou registrá-los todos, mantendo uma sistematicidade, mas, de fato, isso não ocorre.

O DLE não apresenta critérios claros para o registro de estrangeirismos no seu prólogo. Como consequência, a análise do registro dos anglicismos, especificamente, deixa em evidência uma total assistemática. Este fato resulta em um panorama incompleto, pouco confiável, e impossibilita um retrato fiel da língua.

Em vista disso, este é o primeiro momento de uma pesquisa cujo objetivo é discutir o conceito de norma da *Real Academia Española* (RAE) e analisar seu reflexo nas obras acadêmicas, em especial o *Diccionario de la Lengua Española* (DLE) — principal obra da RAE. Os seguintes passos são analisar o léxico marcado diatópica e/ou diastrática-diafasicamente no DLE.

Referências

BORBA, Laura Campos. A postura da Real Academia Española em relação aos neologismos. **Revista Entrelinhas**, Porto Alegre, v. 6, n.1, p. 17, 2012. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/2535>. Acesso em: 25 ago. 2016

CORPUS DE REFERENCIA DEL ESPAÑOL ACTUAL. Real Academia Española. **Corpus de referencia del español actual**. (Versión Anotada). Disponível em: <http://www.rae.es>. Acesso em: 23 ago. 2016.

CORPUS DEL ESPAÑOL DEL SIGLO XXI. Real Academia Española. **Corpus del español del siglo XXI**. Disponível em: <http://www.rae.es>. Acesso em: 25 ago. 2016.

COSERIU, Eugenio. Sistema, norma e falar concreto. In: COSERIU, Eugenio. **Lições de Linguística Geral**. Tradução Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004c. p. 119-125.

DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua española**. 23. ed. 2015. Disponível em: <http://www.rae.es/rae.html>. Acesso em: 29 ago. 2016.

FARIAS, Virginia Sita. A concepção sincrônica de língua e sua limitação em relação ao tratamento da neologia. **Cadernos do Instituto de Letras**, Porto Alegre, n. 36, p. 46-58, 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/18912>. Acesso em: 26 ago. 2016.

FARIAS, Virginia Sita. **Sobre a definição lexicográfica e seus problemas:** fundamentos para uma teoria geral dos mecanismos explanatórios em dicionários semasiológicos. 2013. 399 f. Tese (Doutorado em Lexicografia) — Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2013.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE LA LENGUA ESPAÑOLA. **Ortografía de la Lengua Española.** Madrid: Espasa, 2010. 864 p.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários - Uma pequena introdução à lexicografia.** 2. ed. rev. e aum. Brasília: *Thesaurus*, 2004. 287 p.

YÁÑEZ LÓPEZ, Faustino Juan. **Prensa y neologismos:** la naturaleza adaptativa y creativa del léxico. 2014. 401f. Tese (Doutorado em língua espanhola e linguística) — Faculdade de Filologia, Universidad Nacional de Educación a Distancia, Madrid, 2014. (El estudio, t. 1).

ZANATTA, Flávia. **Análise de dicionários de uso do espanhol e do português.** Monografia (Graduação em Letras) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

ZANATTA, Flávia. Breve panorama da situação da norma linguística no Brasil. **Lusorama**, Alemanha, v. 77-78, p. 79-102, 2009. Disponível em: <https://discovery.fid-romanistik.de/Search/Results?lookfor=breve%20panorama%20da%20situa%C3%A7%C3%A3o%20da%20norma%20linguistica%20no%20Brasil>. Acesso em: 25 ago. 2016